

# CINEMA E "BONS COSTUMES"

## Uma discussão sobre a moralidade no cinema

CARLA NOVO, MARTA STELLING, PAULA CAMPOS E RAPHAEL MACHADO

### Em defesa da moral norte- americana

A questão da moralidade nos filmes sempre foi algo bastante discutido em Hollywood. Muitas vezes de uma forma menos clara e, outras, bem aberta, deixando o público consciente daquelas produções consideradas inadequadas às platéias e as que poderiam ser vistas sem maiores problemas. Essa questão se tornou mais evidente na década de 30, quando se forma a Legião da Decência, constituída por membros Igreja Católica que avaliavam se o filme era adequado às platéias ou não. Eles trabalhavam em conjunto com a Administração do Código de Produção, o qual regia todas as criações, tentando manter os filmes americanos dentro daquilo que convencionou-se chamar "moral".

Por mais de três décadas, o código serviu como um "guardião" da moral para o público norte-americano. Ele conseguia forçar Hollywood a submeter todos os filmes que produzia para uma pequena legião de críticos em Nova York, antes de serem lançados. Depois, através do código, a equipe classificava o filme, o que poderia variar de "aprovado para todas as idades" ao mais temido de todos: o "C" de condenado.



Central do Brasil: um filme que discute os valores éticos da sociedade brasileira.

### Os guardiões da moralidade sempre estiveram prontos para dizer que filmes poderiam ou não ser vistos

Os produtores de Hollywood poderiam evitar a classificação "condenada" entrando em negociação com os representantes da Legião. Retirando o material ofensivo, a Legião reclassificava o filme. Este cenário foi repetido inúmeras vezes de 1934 até a extinção do código, no final da década de 60. *Duelo ao Sol*, *Um Bonde Chamado Desejo*, *Lolita*, *Baby Doll*, *Chá e Simpatia*, *De Repente no Último Verão* representam somente alguns exemplos de filmes que tiveram sérios problemas antes que o público pudesse vê-los.

A Legião trabalhava de mãos dadas com a Administração do Código de Produção (ACP) para manter os

filmes longe de abordagens sobre exploração social, questões econômicas e políticas. Se não interessasse que as pessoas tivessem acesso a esses, três assuntos, por exemplo, então os filmes eram classificados para o público como imorais. Por 20 anos, de 1934 até a aposentadoria do diretor do código, Joseph Breen, a ACP e a Legião estavam tão ligadas que era quase impossível separá-las.

Muitos foram os filmes, também produzidos por Hollywood, que tiveram como tema central os próprios valores morais. Alguns deles mostravam a sua ausência no próprio cinema como é o caso do clássico *Crepúsculo dos Deuses*, dirigido pelo austríaco Billy Wilder. O filme narra a história de um jovem e ambicioso roteirista de cinema que não consegue emprego, e acaba se escondendo em uma mansão cuja proprietária é uma antiga atriz no cinema mudo. No decorrer do filme, ela se apaixona por ele e inicia-se uma

relação doentia que acaba em assassinato e loucura.

Nas entrelinhas da história percebe-se o lado obscuro de Hollywood, um lugar que, apesar de sua aparência glamourosa, torna as pessoas que por lá trabalham em indivíduos amargos, desonestos e calculistas. Outro aspecto importante abordado pelo filme é o lado efêmero da fama, mostrando como os valores éticos e morais eram valorizados, algumas vezes, nos filmes, mas poucas vezes praticados na vida real.

Outra obra-prima do cinema que mostra com clareza a falta de valores morais e de vida ética na Hollywood moderna é *O Jogador*, do talentoso diretor Robert Altman. O filme narra a história de um executivo que trabalha para um grande estúdio cinematográfico e se vê atormentado por uma recente enxurrada de fracassos e rumores da iminente contratação de um executivo rival. Lentamente o executivo começa a entrar em pânico. Mas como acontece em quase todos os filmes de Hollywood, tudo acaba bem. O final feliz de *O Jogador* é uma grande sátira dos filmes que, em nome do consumo, deixaram as virtudes éticas e morais em segundo plano.

### A moral nos filmes 'imorais'

No final dos anos 60 os estúdios de cinema americano passaram a recorrer, cada vez mais, ao apelo sexual na busca de aumentar a quantidade de freqüentadores das salas de cinema. Mas é só na década de 70 que os produtores independentes de filmes sexuais começaram a ser mais atuantes. Los Angeles era o centro da produção e exibição desses filmes "abusados".

Os filmes de sexo eram classificados como R e até como X, transformando-se em atrações permanentes em muitos drive-ins do país. Marcaram uma época, tornando-se uma das atrações mais populares do campo cinematográfico, o que foi considerada uma grande mudança (pelo menos para uma parcela da população) nos hábitos do entretenimento público e nos valores da cultura americana.

*Boogie Nights*, de Paul Thomas Anderson, retrata exatamente o clima que envolvia a produção de filmes pornôs. O filme se passa exatamente na cidade de Los Angeles do final dos anos 70 ao início dos 80, onde a "disco" e as drogas estavam na moda e a festa parecia não acabar nunca.

Essa "crônica do mundo pornô", conta a trajetória de um grupo de produtores de cinema que tenta revalorizar o lado artístico das produções pornôs e ao mesmo tempo revolucionar a indústria de entretenimento. O filme causou polêmica nos Estados Unidos por abordar os bastidores da indústria dos filmes pornôs na década de 70. Apesar de serem considerados imorais, os filmes "para adultos", como eram conhecidos, renderam altos lucros aos produtores e distribuidores de cinema.

As mudanças na sociedade americana fizeram com que o *Boogie Nights* apresentasse dois momentos distintos durante a sua narrativa. As diferenças entre as duas décadas no filme são bem delineadas: na primeira parte, que vai de 77 a 79, a animação e a energia estão presentes nas festas, nas drogas, no sexo, enfatizando o momento pós-liberação sexual. Já na segunda parte, mostra-se algo mais sombrio e deprimente. Nesse momento, a "festa que parecia não ter fim" acaba e a indústria pornográfica também decai com o advento dos vídeos.

*Boogie Nights* fala também do atrativo do estrelato e o preço que as pessoas estão dispostas a pagar para consegui-lo. Outro aspecto interessante está na dificuldade de "reabilitação", devido ao moralismo, daqueles que um dia participaram de um filme pornô. Por serem considerados "imorais", os envolvidos acabam se tornando excluídos dentro da própria indústria.

A moral conservadora norte-americana se diluiu nos anos 70, sendo baseada no mercado, que visava unicamente ao lucro. O único objetivo era que os filmes lotassem as salas de projeção, semelhante ao que ocorre atualmente. *Boogie Nights* retrata fielmente o período em que o mundo ainda não conhecia e não temia a aids.



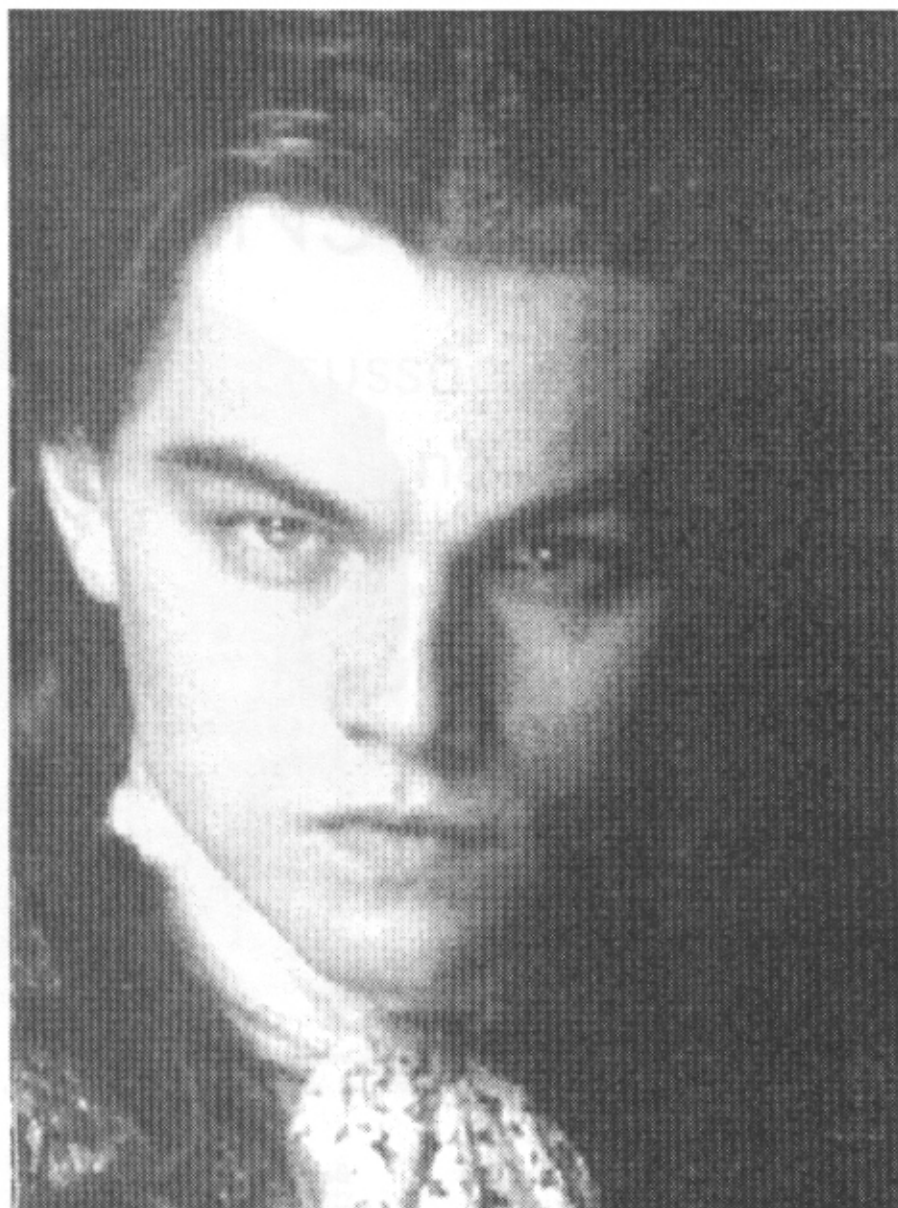
Mark Wahlberg é a estrela do filme *Boogie Nights*

**Boogie Nights reflete um tempo de pura festa, em que o mundo e as pessoas ainda não conheciam a aids**

### Cinema: uma fábrica de produzir mitos

Grandes ícones que despontaram nesses últimos tempos, Leonardo DiCaprio e Vinícius Oliveira pouco têm em comum. Ambos se tornaram o centro das atenções nesses últimos tempos por suas atuações diante das câmeras cinematográficas. Viraram ídolos e conquistaram o público: um mais pela sua beleza, o outro mais pelo seu talento. São faces da mesma moeda fabricada pelo cinema.

Leonardo é a beleza personificada, o sonho de toda adolescente, o próprio herói romântico; já Vinícius,



Di Caprio: mais um efeito especial hollywoodiano

### Leonardo Di Caprio e Vinícius de Oliveira são duas faces da mesma moeda

virou símbolo de auto-retrato nacional, com todos os seus problemas sociais. Vinícius é a realidade de todo um país estampado na tela; ele é o herói realista.

O filme *Central do Brasil*, estrelado por Fernanda Montenegro e Vinícius de Oliveira, conta a história de Dora e Josué. Dora é uma mulher que vive de escrever cartas para analfabetos na estação de trens Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Cobrando pelo texto escrito e pelo selo de postagem, essas cartas, no entanto, jamais são enviadas

por Dora. Mas a sua trajetória acaba se cruzando com a de Josué.

A doçura e a sinceridade do menino são tocantes, tão fortes que não conquistou apenas Dora, mas as platéias do Brasil inteiro e o júri do Festival de Berlim, onde recebeu o prêmio Urso de Ouro como melhor filme. Com essa história emocionante, *Central do Brasil* é um banho de realismo, humanizando um dos maiores dramas do nosso país: o analfabetismo. O jovem Vinícius, embora nunca tenha trabalhado como ator,

consegue a proeza de emocionar as pessoas com o seu desempenho.

Bem diferente é o ator Leonardo DiCaprio, um mito "enlatado" pela indústria de Hollywood. No filme *Titanic* a construção do ídolo já é de outra natureza. *Titanic* usa o surrado esquema do amor "impossível" entre o pobre e a rica, ao narrar uma história de envolvimento amoroso entre um passageiro da terceira classe e uma jovem da primeira classe, no luxuoso navio que naufragou no início do século. Trata-se, desta vez, de um enredo Romeu e Julieta marítimo, temperado com os ingredientes da alta tecnologia a serviço da catástrofe. Não é por acaso que *Titanic* é o recordista em bilheteria na história do cinema.

A indústria do entretenimento constantemente produz esses "personagens" atraentes, agradando facilmente às adolescentes sempre em busca de novos padrões de beleza física. Leonardo caiu como uma luva. Atualmente ele possui uma legião de fãs que se multiplicam por todo o planeta. Só na Internet, ele é tema para mais de mil páginas. Di Caprio, assim como muitos outros astros de Hollywood, é um produto criado pelo cinema, um garoto de apenas 23 anos transformado em mito. Certamente é um dos melhores efeitos especiais produzidos pela indústria cinematográfica americana nos últimos tempos.

Mas há muitas diferenças quando se confronta um país pobre e um país rico, inclusive entre os seus ídolos. No cinema, atualmente, podemos comparar Leonardo e Vinícius como bons exemplos. Cada um influenciará o público de maneira diferente: um gerará emoções e sentimentos que ficarão na memória dos espectadores, o outro atrairá outros tipos de sentimento originários da admiração efêmera da beleza física.

O importante é verificar se as emoções podem ser classificadas como mais ou menos virtuosas. Ou, ainda, se há realmente alguma questão que envolva a falta de ética ou imoralidade, quando Hollywood constrói um mito cinematográfico com o único objetivo de obter maiores lucros no mercado cinematográfico internacional. ✽